

A CHAVE, AS CASAS E AS PORTAS: A ESCRITA FICCIONAL EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Aluna: Gabriella Juvenal Figueredo

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

1.0 - Introdução

O presente trabalho de Pesquisa em Iniciação Científica foi realizado por Gabriella Juvenal Figueredo, graduanda de Letras da PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. O Núcleo é vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC) e é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Silvia Ilg Byington. Também conta com os pesquisadores Clóvis Gorgônio, Eduardo Gonçalves e Weiler Finamore Filho, o fotógrafo Antônio Albuquerque, e atualmente, além de mim, com quatro bolsistas de Iniciação Científica: Amanda Guedes de Oliveira Santos, Eric Damião Duarte, Julia de Paula França e Rodrigo Lauriano Soares.

A realização da presente pesquisa contou com a sugestão da professora Margarida de Souza Neves, logo nas primeiras semanas do meu ingresso na equipe do Núcleo. Como sou a primeira bolsista do curso de Letras, a professora Margarida sugeriu a leitura do romance, “A chave de casa” [1]. Escrito pela ex-aluna do doutorado da PUC-Rio, Tatiana Salem Levy, o romance foi apresentado como tese em 2007. Tatiana não seria a primeira a escrever ficção na Universidade. Pesquisei e localizei outros trabalhos na PUC-Rio e em outras universidades, que serão analisados em meu Relatório Substantivo.

Após leitura desses trabalhos ficcionais, escolhi essas autoras por apresentarem diferenças e semelhanças desde o início da escrita até a publicação de seus romances. O presente trabalho faz a análise de alguns destes romances e propõe que a universidade também é um espaço para escrever ficção.

Este relatório lista as atividades feitas por mim no período de junho de 2017 a junho de 2018, dividindo-se em duas etapas:

- Relatório Técnico: um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto que consolida o meu trabalho individual na pesquisa.

2.0 - Relatório Técnico

2.1 - Atividades em equipe

No período compreendido neste relatório, o Núcleo de Memória realizou as seguintes atividades em equipe:

- Reuniões semanais com a participação de toda a equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais objetivos elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências, discutir textos produzidos pela equipe;
- Publicação do acervo através do website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Catalogação e sistematização do material documental através da digitalização e cadastro em metadados no banco de dados *online* do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Reunião com a equipe para a discussão do romance “A chave de casa”, livro escolhido para a minha pesquisa que será discutido no relatório substantivo. A reunião contou a presença da professora do Departamento de Letras da PUC-Rio, Marília Rothier Cardoso, que foi orientadora da Tatiana Salem Levy, autora do romance. Cada membro da equipe compartilhou opiniões e questões sobre escrever ficção em uma pós-graduação.

- Realização de seminários teóricos internos com a participação da equipe para a discussão de textos sobre o conceito de Memória:

- Seminário realizado pela professora Margarida de Souza Neves em setembro de 2017 intitulado “Memória: Diálogos”. Esse seminário discutiu os diferentes conceitos de memória - a construção de memória; a relação entre memória e história; memória em um mundo globalizado; abusos da memória; e identidade, memória e projeto - segundo os seguintes autores: Jacques Le Goff, David Lowenthal, Gilberto Velho e Jeanne Marie Gagnebin. O diálogo entre os autores sobre o conceito de memória é importante para entendermos as noções fundamentais sobre o assunto;

- No dia 13/11/2017 realizamos um seminário teórico, apresentado pelo bolsista Rodrigo Lauriano Soares, sobre o texto “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” do livro “A Interpretação das Culturas” do antropólogo Clifford Geertz. O intuito era discutir sobre a noção de descrição densa a fim de pensar em como pode ser utilizada nos trabalhos de Iniciação Científica, principalmente em como operar com ela nas análises dos documentos. Também foi debatido a influência da Antropologia nos estudos da História e as características da História Cultural;

- Em 19/02/2018 foi realizado um seminário pela professora Margarida de Souza Neves sobre o livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, da escritora Ecléa Bosi. Os capítulos abordados foram “Tempo de lembrar” e “Dona Brites”. O objetivo do seminário era discutir o conceito de memória oral e de como essa poderia ser aplicada nos trabalhos de Iniciação Científica, através da análise de entrevistas feitas pelos bolsistas dentro dos temas trabalhados por cada um. Nesse sentido as lembranças moldam-se através da memória oral e essa, por sua vez, se mostra fundamental na construção da narrativa de um indivíduo ou lugar, afirmando a memória como função social;

- Seminário realizado em abril de 2018 sobre o documentário “Nostalgia da luz”. Ele foi utilizado para analisarmos o conceito de memória presente nas cenas sobre o espaço. Aborda mulheres chilenas que perderam seus entes queridos, durante o período da ditadura militar no Chile, e buscam no deserto de Atacama partes de seus corpos; e um sobrevivente cego de uma prisão no mesmo deserto que lembra suas dimensões através dos passos. O seminário trouxe a ideia de que vivemos de memórias, além de auxiliar na compreensão de que a memória se faz no tempo presente. *Nostalgia de la Luz*. Direção: Patricio Guzmán. Local: França/Alemanha/Chile. Atacama Productions, 2010. 90min, som, cor. Para complementar realizamos a leitura do artigo “Memória em três atos” da Eliane Dutra, que apresentou outros temas ligados à memória, prosseguindo a discussão do seminário sobre o documentário. DUTRA, Eliane de Freitas. Memória em três atos: deslocamentos interdisciplinares. Revista USP, n. 98, p. 69-86, jun/jun/ago 2013;

- Seminário realizado em junho de 2018 sobre o primeiro capítulo intitulado “Na caverna de Platão”, do livro “Sobre fotografia”, da escritora e filósofa Susan Sontag. O seminário foi apresentado pelo professor da disciplina Fotojornalismo, do Departamento de Comunicação Social, Weiler Finamore Filho. A partir da leitura, pode-se pensar sobre a função que as imagens ocupam na sociedade contemporânea, marcada por uma “cultura do excesso”. Com isso, foi discutido de que modo deveríamos encarar a atividade de fotografar, como também a forma com a qual poderíamos trabalhar com a fotografia em nossos textos.

2.2 – Atividades individuais

Durante o mesmo período que constam as atividades em equipe, realizei as seguintes tarefas:

- Cadastro de fotos de eventos da PUC-Rio no acervo do Núcleo de Memória. A seguir um exemplo de uma ficha de metadados de uma coleção de fotografias do evento “Exposição Sinfonia Vermelha: Um Retrato da China” cadastrada por mim:

[INÍCIO](#) / [ACERVO](#) /

Colabore

Exposição Sinfonia Vermelha: Um Retrato da China

CÓDIGO:	gf0001
AUTORES/CRIADORES:	ALBUQUERQUE, Antônio
DESCRIÇÃO:	A exposição foi organizada pelo Instituto Confucius da PUC-Rio e contou com o apoio do Consulado da China, no Rio de Janeiro. As fotografias de Guo Jianshe, que revelam aspectos pitorescos da cultura chinesa, fizeram parte da amostra.
IDENTIFICADOR:	20120529 Exp. Sinfonia Vermelha - Um Retrato da China
CONTRIBUIDORES:	s.c.
EDITOR/PUBLICADOR:	Núcleo de Memória da PUC-Rio
DATA DA CRIAÇÃO:	29/05/2012
DATA DE OBTENÇÃO DO DOCUMENTO:	terça-feira, Maio 29, 2012
RELAÇÕES DO DOCUMENTO COM OUTROS:	Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio
NÚMERO DE PÁGINAS/TAMANHO EM KB:	n.a.
FONTE:	Núcleo de Memória da PUC-Rio
IDIOMA:	português
DIREITOS AUTORAIS:	Direitos de uso, reprodução e manuseio reservados à PUC-Rio.
NATUREZA DO DOCUMENTO:	Imagem digital
LOCAL:	Pilotis Ala Kennedy
EXIBIR COMO COLEÇÃO:	0

- Digitalização e cadastro de fotos impressas originárias do acervo do Comunicar no website do Núcleo de Memória;
- Catalogação e preparação de folders com informações das medalhas, prêmios e demais objetos nos armários da Reitoria conforme fotografia abaixo registrada pelo fotógrafo Antônio Albuquerque do Núcleo de Memória da PUC-Rio:



- Catalogação dos documentos de pastas do Arquivo da Reitoria em banco de dados do Núcleo de Memória;
- Entrevista com a professora Marília Rothier, do Departamento de Letras da PUC-Rio;
- Visita a biblioteca da UERJ para pesquisar dissertações e teses sobre escrita ficcional;
- Entrevista com o professor Flávio Carneiro, do Departamento de Letras da UERJ;
- Entrevista com o professor Frederico Coelho, coordenador da Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

A seguir, segue o Relatório Substantivo produzido a partir da minha pesquisa.

3.0 – Relatório Substantivo

A CHAVE, AS CASAS E AS PORTAS: A ESCRITA FICCIONAL EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

3.1 - Introdução

Em um curso de Letras, há alunos que querem lecionar, outros querem aprender o ofício de traduzir e outros querem escrever. Escrever ficção? Também. Lemos os clássicos, os teóricos e escrevemos: artigos, ensaios. Não percebemos, mas já somos escritores. Escrever ficção no espaço acadêmico pode parecer uma novidade, um ato de romper ou escrever junto com o grande volume de textos acadêmicos que há em uma universidade. No entanto, nos últimos anos, alunos e alunas, mas principalmente alunas, escreveram ficção nas salas de aulas. Como estudante de Letras e a primeira aluna do meu curso selecionada para fazer parte da equipe do Núcleo de Memória, procuro investigar trabalhos acadêmicos – dissertações e teses – de três autoras com escrita ficcional. Quero falar sobre os espaços para a realização dessa escrita dentro de uma pós-graduação como a da PUC-Rio e em outras universidades do Rio de Janeiro.

Nesta pesquisa, comecei pela leitura do romance-tese, “A chave de casa” [2], da doutoranda Tatiana Salem Levy, apresentado em 2007 no programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Conheci outros romances-teses/dissertações escritos na UERJ e UFF. As autoras também são mulheres e conhecem o trabalho da Tatiana Salem, que será uma leitura chave, pois, juntamente com elas, seus trabalhos abriam e abrem portas para outros alunos e alunas escreverem ficção nas suas casas (universidades). Adriana Lisboa, ex-aluna da Pós-Graduação em Estudos de Literatura Comparada na UERJ, em 2007, escreveu um romance-tese com o título “Rakushisha” [3]. Em seu mestrado em 2002, Adriana havia escrito “Um beijo de colombina” [4]. A doutoranda Socorro Acioli escreveu em 2014 o romance-tese “A cabeça do santo” [5], no programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF.

A partir da leitura dos romances-dissertações/teses citados, falo sobre a narrativa - personagens, enredo - e procuro analisar com mais atenção o posfácio, a segunda parte do texto escrito com um ensaio teórico e crítico, que inclui o percurso das autoras com incertezas, reflexões sobre a escrita ficcional e quais autores teóricos dialogam com o desejo/projeto de escrever ficção. Analiso também que tipo de ficção – memorialística, abordagem ficcional ou autoficção – parece ser uma tendência nos programas de Pós-Graduação em Literatura da PUC-Rio, UFF e UERJ.

Em uma Pós-Graduação em Letras, onde alguns professores são também escritores e alguns autores renomados frequentam as salas de aulas, a ficção pode gerar uma reflexão sobre a literatura. A universidade é um espaço de transmissão e construção do saber, e é também um espaço para experimentação: a escrita ficcional cumpre essa tríplice função. O ato de escrever ficção não deve ficar apenas guardado naqueles cadernos na gaveta, escondidos. Como afirma Roland Barthes em “A preparação do romance”: “Por que escrevo? – Poderia ser, entre outras coisas, por dever: por exemplo, para servir a uma Causa, uma finalidade social, moral, instruir, edificar, militar ou distrair” [6].

3.2 - A chave: Tatiana Salem Levy

Com a orientação da professora Marília Rothier Cardoso, Tatiana Salem chegou ao programa de Pós-Graduação da PUC-Rio com o objetivo de escrever uma tese sobre as diferentes formas de realismo na narrativa brasileira dos anos 1990. Ela pensou que ao final do doutorado teria um texto repleto de argumentos e citações, porém, isso não aconteceu. “A chave de casa: experimentos com a herança familiar e literária” possui um posfácio que mostra o caminho percorrido da aluna, desde a primeira parte com o início da escrita mostrando dúvidas, angústias e escolhas até a segunda parte, o romance. Tatiana registra um telefonema que fez para a orientadora:

Telefone para ela com a certeza que vai gostar da novidade. Estou começando a escrever um romance, digo. Uma personagem recebe do avô a chave da casa que ele deixou para trás e decide percorrer, no sentido inverso, a trajetória dos imigrantes de sua família. Essa personagem tem o corpo duro, paralisado, e acredita carregar nos ombros os silêncios do passado. [...] O que você acha? Ela não esconde a sua alegria, como se dissesse que tinha razão por confiar em mim. Ela vai mais longe que eu, bem mais longe: quem sabe você não entrega o romance no lugar da tese? [7]

A ideia de escrever um romance, de início, é um tanto absurda para Tatiana. Porém, a professora Marília a encoraja a escrever ficção ao perceber que a tese nos moldes estabelecidos pela universidade está distante da vontade da sua orientanda:

O que antes eu achava ser um projeto individual e comprometedor talvez faça parte de um movimento da minha geração. Há muita gente querendo mudar a Academia, e entregar um romance pode ser uma contribuição [...]. [8]

Em entrevista por telefone para a realização desta pesquisa, a autora revela que recebeu duras críticas no dia da defesa da tese, pois um texto ficcional não era considerado compatível

com o que se espera de uma tese ou dissertação em um curso de Pós-Graduação em Letras. A avaliação de um romance pode ser considerada diferente de uma tese, por isso o ensaio pode ser visto como importante ou fundamental para o professor que está na banca saber com quais autores o aluno dialogou e as razões da escolha de escrever ficção. Sem o posfácio, o examinador se tornaria um crítico literário, já que ele só analisaria o enredo, personagens e também o autor, ou seja, “A crítica de um romance num ritual de defesa de tese expõe não o investimento intelectual, mas a pessoa ‘implicada dos pés a cabeça’” [9]. Veremos mais à frente as diferenças entre os ensaios das doutorandas Tatiana Salem e Socorro Acioli.

Diferente de Adriana Lisboa, que já havia publicado romances antes de ingressar no mestrado, Tatiana, num primeiro movimento em direção ao seu romance, viaja a Portugal e Turquia. Esses países trazem lembranças à autora, uma vez que ela é neta de judeus-turcos e nasceu em Portugal, quando os pais estavam no exílio por conta da ditadura no Brasil. Ela decide escrever um romance pela primeira vez: sobre o mundo judaico, o corpo do imigrante. Além de pesquisar nos arquivos da família, as leituras sobre o corpo feitas durante a pesquisa para a tese a levam a escrever ficção sobre herança familiar – viagens, os exílios e as paralisias -; é o início do romance-tese:

[...] ao longo do meu percurso de escrita, a ficção foi tomando cada vez mais espaço até o momento em que percebi que para escolher a minha herança – tanto a familiar quanto a literária e crítica – eu precisaria levar a cabo o projeto no qual minha orientadora insistia há tempos: o de pensar um romance no lugar da tese. [10]

Publicado em 2007 pela editora Record, o livro foi finalista do prêmio Jabuti em 2008 e a autora ganhou também o prêmio São Paulo de Literatura na categoria autor estreado. A personagem-narradora não tem nome, move-se pouco porque carrega um peso enorme nas costas: heranças, lembranças. Recebe a missão de ir à Turquia com a chave da antiga casa do avô para descobrir se a casa da família ainda se encontra em Esmirna. Ao fazer essa viagem inversa, a protagonista descobre mais sobre o passado de seus familiares. O romance também transita em várias histórias e vozes – a morte da mãe, a migração do avô para o Brasil e um relacionamento amoroso com um homem violento. “A chave de casa” é um romance autoficcional, que brinca com as fronteiras entre real e ficção.

A foto da quarta capa mostra semelhanças entre a autora e a descrição da personagem acima. Segundo Eurídice Figueiredo,

A minha hipótese é que o romance hoje se transforma ao utilizar procedimentos das chamadas escritas de si. Em romances recentes, de jovens escritores (sobretudo), mesmo quando se trata de puras ficções, alguns elementos biográficos presentes no paratexto (quarta capa, orelha) e/ou no próprio texto, indiciam uma escrita de cunho autobiográfico ou uma ficção. [11]

“A primeira pessoa não é necessariamente autobiográfica” [12], assim escreveu a doutoranda no pós-escrito da sua tese. Todos os dados biográficos da escritora se confundem com os da narradora. O autor francês Philippe Lejeune, em seu livro “O Pacto Autobiográfico” [13], comenta que a autobiografia se define pelo pacto autobiográfico, ou seja, quando há uma identificação entre o nome do autor tanto na capa/página de rosto quanto no interior do livro. O autor, narrador, personagem seriam um só.

Diana Klinger em seu livro “Escritas de si, escritas do outro – o retorno do autor e a virada etnográfica”, estuda a escrita do eu e comenta:

[...] consideramos a autoficção como uma narrativa híbrida, ambivalente, na qual a *ficção de si* tem como referente o autor, mas não como pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente. Personagem que se exhibe “ao vivo” no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação. [14]

Portanto, o “eu” em “A chave de casa” não é da autora, mas não está distante de ser. É uma subjetividade construída.

A memória e a lembrança são questões presentes no romance. A autora Ecléa Bosi destaca em sua obra “Memória e Sociedade”, que a lembrança

É uma imagem construída pelos materiais que estão, agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos apareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nosso juízo de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. [15]

A protagonista em “A chave de casa” sente o peso das lembranças e heranças em seu corpo e as diferentes vozes – dos pais e do avô – nos contam mais sobre histórias do passado da personagem.

A autoficção não é novidade na literatura contemporânea brasileira. O crítico literário e escritor Silviano Santiago é apontado como um precursor no Brasil tanto de uma produção acadêmica mais ensaística quanto de uma escrita ficcional que trabalha questões de teoria e crítica literária. Silviano diz que “aliás, não sou escritor que busca minimizar o trabalho do leitor; em geral, complico-o” [16]. João Gilberto Noll escreveu “Berkeley em Bellagio” (2002) [17]: o narrador se chama João, escritor brasileiro e professor da Universidade de Berkeley na Califórnia – como o próprio Noll –; recebe um convite de uma fundação norte-americana para escrever um romance numa residência de escritores em Bellagio, na Itália. Em “Nove Noites” [18] (2001), de Bernardo Carvalho, um jornalista se interna na aldeia de índios krahô, no Xingu, em busca de dados sobre Bell Quain, antropólogo norte-americano que, aos 27 anos se suicidou em circunstâncias misteriosas quando voltava da aldeia indígena para a cidade de Carolina. Esses são alguns exemplos entre vários na nossa literatura.

3.3 - A casa: PUC-Rio

Abrir a Universidade a outras formas de escrita e criação pode constituir um movimento político de subtrair da antiga forma de tese a exclusividade de legitimação. Afinal, um romance ou uma escrita ensaística podem igualmente proporcionar uma experiência de saber. Como diz Roland Barthes, em sua célebre *Aula* no Colégio de França: “Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático”. [19]

Com essas palavras escritas no posfácio, Tatiana Salem é a chave que abre a casa (universidade) e a professora Marília tem a fechadura que abre para outros alunos na PUC-Rio escreverem romances. Vou falar brevemente sobre alguns trabalhos com escrita ficcional pós- Tatiana Salem Levy.

Em 2013, a aluna Sueli Rios escreveu um romance-dissertação “Experimentos de Autoficção”. A primeira parte é o romance autoficcional, “Menina do Cerrado”, e a segunda parte é o posfácio. Com a orientação também da professora Marília Rothier, o romance é “uma colagem de resíduos de memória e da fabulação criativa engendrada especialmente para a presente composição” [20].

Em 2015, o aluno Gustavo Augusto Abreu escreveu: “Como se fosse um romance”, um romance-dissertação: “Na metaficção produzida, feito a lenda árabe de Sherazade, que narra para não morrer, o narrador protagonista empenha-se para redescobrir e registrar a história de sua falecida avó, imigrante sírio-libanesa [...]” [21]. Gustavo também foi orientado da professora Marília, e o romance tem semelhanças com o da Tatiana, e também possui um posfácio.

Já a aluna Manoela Paula Sawitzki, orientanda da professora Eneida Cunha, em 2014, escreveu um romance-dissertação “Pele: um modo existência crossdresser”. “No romance produzido, intitulado Pele, a voz da narradora-autora se decompõe para depois de multiplicar em outras, a ambivalência dos gêneros masculino e feminino confrontam a fixação definitiva [...]” [22].

A coragem de Tatiana e a sabedoria da orientadora fazem com que o romance-tese seja lido e comentado desde os que chegam à universidade – da graduação até à pós -, como eu. Na Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio não há uma linha de pesquisa voltada para a escrita ficcional. Os trabalhos citados acima fogem dos padrões estabelecidos pela Universidade, mas ao mesmo tempo a Universidade abre portas para aqueles que querem escrever ficção.

3.4 - Uma porta na UFF: Socorro Acioli

Entre os dias 2 e 5 de dezembro de 2006, a brasileira Socorro Acioli participava da oficina de criação e roteiro “Como contar um conto” na *Escuela Internacional de Cine y TV* de Santo António de Los Baños em Cuba. O professor desse curso era ninguém menos que o escritor colombiano Gabriel García Márquez. A ideia de escrever “A cabeça do santo”, surgiu durante as aulas em Cuba, porém essa ideia ganhou vida durante as aulas no doutorado, em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada na UFF como “A cabeça do santo: uma experiência de escrita”:

Sustentamos essa tese com um experimento prático desenvolvido durante o percurso do Doutorado em Letras na Universidade Federal Fluminense, de 2010 a 2014, constituído de formação, planejamento e escrita de um projeto literário, cujas etapas serão detalhadas e analisadas sob a luz das ideias de Roland Barthes. A proposta foi seguir os passos descritos por Barthes no curso A preparação do romance, escrever a Obra/Romance e refletir sobre a intimidade dessa escrita. [23]

Com a orientação da professora Lívia Reis, a aluna inspirada na obra do escritor francês, divide o ensaio em quatro partes – conceitos de Barthes: 1. Querer – Escrever: o mar do Caribe; 2. Desejo de Escrever: o lago Titicaca; 3. Poder – Escrever: a baía de Guanabara; 4. Fato de Escrever: o açude de Caridade. A segunda parte é o romance. Assim como Adriana Lisboa, Acioli já havia publicado livros antes, em Fortaleza – “Ela tem olhos de céu” venceu o prêmio Jabuti de melhor livro infantil em 2013 -, já tinha concluído o mestrado há dois anos e estava trabalhando em uma editora na capital cearense. Ciente da dificuldade de viver somente de literatura no Brasil, Socorro quer mais que uma ideia:

Talvez a maior descoberta desse momento foi a de que literatura não se faz somente de imaginação. Corrijo: eu não conseguia fazer boa literatura somente com a imaginação. Faltavam recursos. Faltava, para mim, uma orientação para transformar a profusão incessante de ideias, diálogos, imagens em um corpo coeso, em um texto, em uma história. [24]

No ensaio teórico, a autora conta que a entrada na oficina ministrada por García Márquez foi difícil, pois os alunos selecionados para o curso eram filhos de amigos do escritor e indicados. Diante da dificuldade, a brasileira, que seria a única na sala de aula, insistiu mandando e-mails para a coordenação e viu que teria uma chance: precisava enviar uma história, um pequeno esboço. Após recorrer a seus cadernos de anotações e recortes de jornais, achou uma notícia sobre uma cabeça gigante de Santo Antônio no meio da rua:

O eleito foi um recorte de um jornal O Povo de Fortaleza, do dia 30 de julho de 2005. Escrito pela jornalista Rita Célia Faheina, repórter especialista em matérias sobre religiosidade, o texto contava a história de uma estátua de Santo Antônio, construída nos anos 80, na pequena cidade de Caridade, no interior do Ceará. A ideia do então prefeito era fazer da cidade um centro de peregrinação religiosa para devotos de Santo Antônio, seguindo o modelo da vizinha Canindé, cuja economia girava em torno da devoção a São Francisco. O corpo gigantesco foi devidamente montado no morro mais

alto da cidade. A cabeça foi confeccionada em peças simétricas, laterais e deveria ser montada já no morro, sobre o pescoço, com a ajuda de guindastes e andaimes. Por um erro que nunca foi revelado, a cabeça foi montada no chão e nunca foi levada para o corpo do santo. [25]

Aí estava a história de Socorro: um homem dentro da cabeça de um santo. O romance foi publicado em 2014 pela Companhia das Letras. Samuel, o protagonista, caminha por 16 dias até chegar a Candeia para encontrar seu pai. Com o endereço nas mãos, conhece a avó paterna que não o convida a entrar na casa e indica um mato: “A velha falou de um canto coberto para dormir, era esse. Chovia ainda mais forte e não havia nenhuma réstia de luz. Rastejando, Samuel entrou na gruta imunda” [26]. A gruta era a cabeça de Santo Antônio. Dentro dela, Samuel começou ouvir as vozes das mulheres que rezavam para o santo de manhã e de tarde. Após alguns dias ouvindo vozes dentro da cabeça do santo casamenteiro, toma um susto quando se depara com um garoto chamado Francisco. Ele também se esconde na cabeça, mas para ler revistas pornográficas. Samuel e o menino escutam o desespero feminino em busca de maridos. Os dois montam um plano: armar um encontro entre Madeinusa e o médico Dr. Adriano. Madeinusa pedia ao Santo força e coragem para ir ver o Dr. Adriano, pedia ao Santo Antônio casamenteiro que desse um jeito de sua mãe não desconfiar de nada, disse “amém e acabou-se” [27].

O plano era dizer que ia à casa da amiga cobrar um dinheiro fiado, pois soube que a menina ganhou no jogo do bicho em Fortaleza. Helenice era cega por dinheiro, e por isso, o plano era perfeito. Samuel e Francisco saíram correndo sem precisar dizer palavra, o plano deles também já estava armado. Francisco iria para o posto e Samuel iria falar com Madeinusa. Assim foi. [28]

É interessante observar que o motivo da ida do personagem de Juazeiro até Candeia, a pé, é vingar o sofrimento de sua mãe: “Disseram as beatas que foi doença do pecado, castigo de Deus por se deitar com homem sem casar. Pois, se era verdade, foi marca de Manoel, o único. Foi-se embora quando Mariinha estava grávida, a mãe dele chamou” [29]. Mariinha sofreu comentários maldosos de vizinhos e da família por ter engravidado solteira e antes de morrer deu ao filho o endereço do pai: “Eu sei que você não quer saber disso, mas é a última coisa que eu te peço. Minha alma nunca terá paz se você não entender. Procure por ele, Deus vai te ajudar. Você vai, Samuel?” [30].

O ensaio teórico é parecido com o de Tatiana Salem, pois podemos ver o percurso da escrita desde a participação na oficina até o doutorado na UFF. Socorro também chegou às salas de aula em Niterói com a proposta de analisar a infância na obra de García Márquez e Jorge Amado. Matriculada na disciplina Escritas de Memória, ministrada pela professora Eurídice Figueiredo, algumas leituras sobre o tema memória levaram a autora a ouvir mais forte o desejo de escrever um romance:

Atrevo-me a dizer que, por mais que eu tentasse encaixar todo esse aprendizado intenso na minha tese, meu desejo o desviava para o livro, para A cabeça do santo. Meus personagens – os homens, as mulheres, a cidade, o santo – deixaram a dimensão plana e linear e ganharam contornos multidimensionais para mim. [...]. Comecei a perceber que toda reconstrução da memória – a minha, inclusive – não pode sustentar um pacto com a verdade e que isso era matéria preciosa para minha narrativa. [31]

Decidida, Acioli lê um texto publicado no blog da Cia das Letras, “tratando dos projetos finais de curso de Literatura e lembrando que Adriana Lisboa e Tatiana Salem Levy apresentaram romances no lugar de teses” [32]. Ela entra em contato com as duas escritoras e reflete no ensaio sobre o que é uma pós-graduação em Letras. “Cursos de Letras no Brasil formam professores e pesquisadores, ponto. Mas eu segui por conta própria, um percurso diferente” [33]. É importante ressaltar que assim como na Pós-Graduação em Letras na PUC-Rio não há uma linha de pesquisa voltada para a escrita ficcional, a Pós-Graduação na UFF também não possui. Contudo, a orientadora de Acioli, a professora Livia Reis, recebeu o

pedido da doutoranda sobre mudar a proposta da tese para um texto ficcional. O pedido foi avaliado junto com um colegiado e aceito, mas com a condição da presença de um ensaio. É interessante observar que Socorro conversa com Adriana Lisboa e Tatiana Salem quando está decidida a escrever “A cabeça do santo” durante o seu doutorado. Sem os conselhos e apoio de suas colegas romancistas, o desejo de escrever um romance-tese talvez não chegasse ao papel.

3.5 - Uma outra porta na UERJ: Adriana Lisboa

Antes mesmo de ingressar no mestrado em Literatura Brasileira na UERJ, Adriana Lisboa já havia publicado o romance “Sinfonia em branco”, em 2001, pela editora Rocco. O livro ganhou o Prêmio José Saramago em 2003. Diferente da Tatiana e Socorro, Lisboa não escreveu um ensaio teórico tanto na dissertação como na tese, mas na introdução do romance-dissertação, a autora explica o porquê de escrever ficção na universidade:

A opção por um trabalho ficcional segue uma trilha já inaugurada na Pós-Graduação em Letras da UERJ e que inclui o romance de Marcelo Fernandes Carnevale (O chimpanzé cobaia: um diálogo ficcional com Raduan Nassar) e Hamlet: uma teoria da reescritura, de Marici Oliveira do Nascimento Passini. O Instituto vem se destacando por privilegiar a criação literária ao desenvolver o Projeto Escritor Visitante, que já contou com as participações de Sérgio Sant’Anna, João Gilberto Noll, Antônio Torres, Ferreira Gullar e, atualmente, Rubens Figueiredo (no campus do Maracanã) – todos eles participando ativamente do cotidiano acadêmico e promovendo concorridas oficinas literárias. Do mesmo modo, vários professores e alunos da pós-graduação desenvolvem carreiras como romancistas e contistas, autores de livros infantis e juvenis ou poetas – cito os nomes de Italo Moriconi, Gustavo Bernardo, Flávio Carneiro, Elizer Moreira e Mariano Gazineu David como exemplo, além do meu próprio. [34]

“Um beijo de colombina”, romance-dissertação com a orientação do professor Flávio Carneiro, é uma abordagem ficcional da obra do poeta Manuel Bandeira na forma de romance: “Reflete, em sua elaboração, sobre possíveis diálogos entre poesia e prosa, modernismo e pós-modernidade, leitura e escrita, e também sobre os conceitos de pastiche, paródia e reescritura” [35]. O romance, então, conta a história do casal Teresa e João; Teresa é uma jovem escritora premiada, que morre afogada no mar de Mangaratiba e seu corpo não é localizado. Quando os dois se conheceram, a autora releva a João que está escrevendo um livro:

O livro novo já estava quase concluído quando nos conhecemos, naquela festa. Teresa me falou menos dele do que de seu próximo projeto, um romance baseado em poemas de Manuel Bandeira. Interessante, comentei, e estava sendo sincero. Quer dizer, inventar uma história com começo, meio e fim a partir de poemas. E ela me respondeu com um sorriso meio torto em que fiquei inutilmente tentando localizar o começo, meio e fim. [36]

A narrativa do romance segue com as lembranças de João, do início do relacionamento com Teresa até o dia da sua morte. Trata-se de um livro dentro de um livro, pois ele – um professor de latim sem a menor vocação para a escrita – resolve dar continuidade ao livro inacabado da autora, o que também é uma forma de não deixar a sua amada morrer: “Depois daquele sábado em Mangaratiba, e de tudo que explodiu dentro dele como um sublime grotesco, um lixo de luxo, o livro, ‘Estrela da vida inteira’, tornou-se minha estrela, Meu guia de Teresa” [37]. No entanto, o narrador descobre que Teresa está viva.

Publicado em 2003 pela editora Rocco, “Um beijo de colombina”, contém títulos que correspondem a títulos de poemas de Bandeira como “Pierrot branco”, “Sob o céu todo estrelado”, “Maçã”, “Última canção do beco”, e outros presentes no livro do poeta pernambucano, “Estrela da vida inteira”.

Lembro-me de que o poeta cantarolou: Belo belo belo, tenho tudo quanto quero. Mais tarde, porém, o mesmo poeta escreveu Belo belo belo, tenho tudo que não quero, não tenho nada que quero. Isso também está no livro. O livro. É de Manuel Bandeira, suas poesias reunidas e poemas traduzidos. De tanto que Teresa mexeu nele, a capa já está desgrudando. [38]

Eurídice Figueiredo diz que o romance de Lisboa é “Bandeira em palimpsesto” [39]. A palavra palimpsesto significa um texto cujo suporte original foi coberto por diferentes camadas de texto. O original seria os escritos de Manuel Bandeira - trechos de alguns poemas estão presentes no livro -, porém a escritora carioca vai além e reescreve um romance com o poeta, uma coautoria.

Ainda inspirada na obra de Bandeira, que traduziu poemas do japonês Matsuo Bashō, Lisboa, no doutorado, escreve “Rakushisha” (2007); desta vez o orientador é o professor Gustavo Bernardo. Para escrever esse romance-tese, a autora foi ao Japão com uma bolsa de pesquisa da Fundação Japão. No resumo, ela escreve:

Rakushisha é um romance baseado no diário de viagem Saga Nikki, escrito pelo poeta japonês Matsuo Bashō durante sua estadia na Rakushisha, a Cabana dos caquis caídos, em 1691[...]. A *Rakushisha*, reconstruída e preservada até hoje nos arredores da cidade de Kyoto, pertencia a Kyorai, discípulo de Bashō, que o hospedou em três ocasiões. Neste romance, parte-se de um dos diários menos conhecidos de Bashō, inédito em língua portuguesa, para narrar a história ficcional de dois brasileiros, Haruki e Celina, que partem para o Japão com necessidades e perspectivas diversas, mas motivados pela *Saga Nikki*. [40]

Haruki é um desenhista, de origem nipônica e está no Rio de Janeiro, mas recebe um convite para ilustrar uma tradução de Matsuo Bashō, “Diário de Saga”, em Kyoto. Após conseguir o visto, ele encontra Celina no metrô do Largo do Machado e após muitos encontros, Celina também vai ao Japão com Haruki. É um romance sobre deslocamentos e escolhas, escrito em pequenos capítulos e com diferentes vozes – Haruki, Celina, Alice, Bashō, Marco – e diferentes tempos e espaços. Ao escolher traduzir os escritos de Bashō - alguns trechos traduzidos do diário do poeta japonês estão nas páginas do romance -, o protagonista vai em busca dos seus ancestrais, principalmente do pai, uma vez que se recorda muito pouco da sua infância no Japão. E Celina quando decide ir com Haruki, está na verdade fugindo da dor ao perder uma filha.

A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não ponto fixo no espaço. Que nós somos feitos de passagem dos dias e dos meses dos anos, como escreveu o poeta japonês Matsuo Bashō num diário de viagem, e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar. [41]

A Cabana dos Caquis Caídos é o lugar onde o casal visita em momentos diferentes e por motivos diferentes também. Kyoto para Haruki significa reencontro com o passado e para Celina um novo lugar. Assim como em “Um beijo de colombina”, a narrativa da autora em “Rakushisha” contém palavras suaves e uma prosa lírica. A doutoranda optou por não escrever um ensaio teórico, pois afirma que o romance se sustentava sozinho como experiência acadêmica. É interessante observar que todo o seu processo de escrita é diferente das demais doutorandas apresentadas nesta pesquisa. Em entrevista por e-mail para a realização desta pesquisa, a ex-doutoranda da UERJ afirmou que estava decidida a escrever um romance quando iniciou o mestrado e o doutorado. E houve um espaço grande – maior que para Tatiana, por exemplo - para a aluna da UERJ escrever ficção numa pós-graduação. Como ela escreveu na introdução do romance-dissertação, “O Instituto vem se destacando por privilegiar a criação literária” [42]. E ela também cita os trabalhos de colegas na pós-graduação. Em entrevista para a presente pesquisa, o professor Gustavo Bernardo disse que ao fim da defesa do romance-tese, Adriana recebeu muitos elogios e aplausos.

3.6 - A outra casa: UERJ

Conforme Adriana Lisboa escreveu na introdução de “Um beijo de colombina”, outros alunos escreveram ficção antes dela, como os professores da Pós-Graduação na UERJ Flávio Carneiro e Gustavo Bernardo Krause, escritores que também já publicaram romances. Irei analisar brevemente alguns trabalhos com texto ficcional na Uerj antes e após Adriana.

O mestrando Marcelo Fernandes Carnevali escreveu em 2001, com a orientação do professor Flávio Carneiro, o romance-dissertação “O Chimpanzé Cobaia: um diálogo crítico com Raduan Nassar”.

Esta dissertação de mestrado é uma obra de ficção que, através do próprio enredo, tenta produzir uma reflexão sobre as questões que envolvem o sujeito e a escrita na obra de Raduan Nassar. Uma novela que se apropria do evento que, na recente biografia do escritor, extrapola o espaço literário para ganhar dimensão pública: o abandono da literatura. Acompanhada de um pós-escrito no qual procurou-se explicitar algumas questões e alguns papéis possíveis na relação escritor-texto-leitor, presentes na ficção produzida. [43]

Tamara Sender, com orientação do professor Gustavo Bernardo, escreveu um romance-dissertação em 2009, contendo duas partes: o texto literário e um posfácio. “Esperando Zilanda” é o primeiro livro da autora, publicado em 2010 pelo selo E Editorial. Estela, a narradora-protagonista, tem dificuldades para se adaptar às situações prosaicas da vida como cozinhar, ir à reunião de condomínio e passear pelo bairro onde mora. O seu refúgio é uma troca de e-mails com o amigo José, que há 10 anos não se veem. O posfácio mostra uma reflexão crítica e teórica sobre o romance e o conceito de literatura da imobilidade:

Ao lançar a mim mesma o desafio de escrever um texto ficcional como dissertação de mestrado, tracei objetivo semelhante ao de Daane: captar o óbvio e desnaturalizá-lo, mostrando o absurdo da experiência cotidiana, a partir de situações prosaicas. Ir ao supermercado, ler a ata de reunião de condomínio, participar de um chá-de-panela, renovar passaporte, declarar imposto de renda, ver filmes na tevê, comer sobras da geladeira para não estragar, tomar remédios para dormir, esperar a empregada chegar – muito mais do que simples acessórios da narrativa, esses atos teoricamente banais são os próprios componentes do presente amorfo da narradora. [44]

Uma outra Adriana, desta vez com o sobrenome Lunardi, escreveu o romance-dissertação “O sistema dos anjos: memorabilia de uma família brasileira”. Não irei analisar seu trabalho, apresentado em 2010; apenas irei comentar um trecho do seu ensaio teórico sobre uma mudança na Pós-Graduação em Letras da UERJ:

No uso de suas atribuições, o Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ estabelece no artigo nº 2 de suas Normas que “em caráter excepcional serão aceitos como dissertações e teses textos de ficção e traduções, desde que observadas as condições estabelecidas” no artigo 5º das mesmas Normas. Este, por sua vez, especifica que “30% do total suas páginas devem ser reservadas à reflexão teórica-crítica acerca do trabalho realizado”. Tal resolução se aplica ao texto que ora apresento, uma vez que se trata de uma dissertação em forma de romance. [45]

Após essa norma estabelecida, os alunos devem escrever um ensaio teórico. A data não é especificada, mas vale lembrar que a UERJ como a PUC-Rio e UFF, não possui uma linha de pesquisa voltada para a produção ficcional, mas também se abre à ficção.

3.7 – Memória e autoficção

Como foi dito na análise do romance “A chave de casa”, memória e herança são dois pontos importantes no romance e no ensaio teórico. Ao mudar o tema da tese para uma escrita ficcional, Tatiana Salem comenta no ensaio: “Os fantasmas do passado batem à minha porta e decido escrever sobre eles e com eles. A necessidade de escrever um romance aparece discretamente, porém com uma força que me ultrapassa” [46]. O romance-tese é o trabalho de uma herdeira, pois a protagonista faz a viagem inversa ao do avô anos antes para conhecer a

história dos seus antepassados. O avô foge do seu país para o Brasil, enquanto a neta vai à Turquia para encontrar-se e encontrar seus antepassados. Segundo Ecléa Bosi, “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” [47]. A autora também comenta:

É preciso reconhecer que muitas das nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. [48]

A memória familiar é o cabedal, que está não só dentro da personagem, mas em seu corpo.

Ao andar por Istambul, a personagem de Tatiana reflete que aquela poderia ter sido sua cidade, que o turco poderia ser seu idioma de origem, que a história transmitida pelos relatos do avô e dos pais, poderia ter sido vivida por ela mesma. Contudo, na terra dos seus antepassados, ela se sente como uma estrangeira:

Cheguei hoje a Istambul. Carregava nas mãos o passaporte português, acreditando que daria menos chateações. [...] Veja, não pareço turca? Olhe o meu nariz comprido, a minha boca pequena, os meus olhos de azeitona. Sou turca. O policial torceu o nariz: you need a visa. [49]

Um outro ponto interessante a ser analisado no romance-tese é o exílio: dos pais e também do avô. O autor Edward Said, em “Reflexões sobre o exílio e outros ensaios”, comenta:

Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado [...]. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstruir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmo como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado [...]. A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes e refugiados. [50]

A obra é, portanto, a viagem e o testemunho de uma personagem em busca de suas origens e de sua herança indelével. É, no entanto, a partir dessa viagem para fora que tem início a viagem de dentro. A mobilidade se alterna e se complementa para dar sentido ao passado e ao presente da narradora.

Viagens são o tema do romance “Rakushisha”. Adriana Lisboa escreve uma narrativa melancólica em fragmentos. Cada personagem – Haruki, Celina, Alice, Bashō, Marco – nos conta algo do passado e do presente. A personagem Celina é uma mulher que vivencia um momento presente preso completamente a um tempo pretérito imbricado ao trágico episódio: a perda da filha. A viagem ao Japão com Haruki é tentativa de sair do luto e continuar vivendo, uma vez que em Kyoto a primeira meta da personagem é andar na rua. Podemos estabelecer uma comparação com o corpo da protagonista de “A chave de casa”. De início, a personagem não consegue se mover porque sente o peso do luto e da herança no corpo; já Celina consegue dar um passo de cada vez.

Paul Ricoeur em “A memória, a história e o esquecimento” comenta sobre lembrança, cujo fio condutor é a relação com o tempo. Ele sustenta que o indivíduo não tem outro recurso para acessar o passado senão a memória, sendo essa o único caminho seguro para leva-lo ao passado, dotando-o de significado: “Para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” [51]. Os deslocamentos – de Kyoto a Tóquio - de Haruki também são importantes, pois trazem revelações. Haruki levava consigo um desejo de ir mais longe ainda, um desejo de resgatar a sua identidade nipônica. Começou por visitar a família do pai e encontrar seus antepassados: “Os traços de seu rosto e as linhas de seu corpo insultavam a sua ignorância” [52]. A experiência que Haruki vivencia na terra de seus ancestrais preenche lacunas abertas em sua vida. Já na terra de seus antepassados, o personagem sente-se mais

nipônico e recebe, por meio da memória do lugar e da comunidade, uma memória que não é exatamente sua, mas que está estritamente relacionada com sua história. Ao contrário da personagem do romance-tese da Tatiana Salem, que se sente uma estrangeira na terra do avô, o protagonista de “Rakushisha”, além de sentir-se mais nipônico, conhece mais sobre a própria identidade.

3.8 - Conclusões

Para a realização desta pesquisa, procurei não me aprofundar no debate sobre se romances valem como teses ou dissertações. Alguns professores e as autoras Adriana Lisboa e Tatiana Salem já compartilharam suas opiniões em entrevistas. Mais que chegar a uma resposta final, a presente pesquisa mostra que as universidades abriram suas portas para a produção de texto ficcional. E alguns desses textos, como os romances analisados nesta pesquisa, chegaram às livrarias e já foram traduzidos em alguns países. Hoje, as ex-alunas dos cursos de pós-graduação são escritoras renomadas e premiadas.

Os programas de pós-graduação da PUC-Rio, UFF e UERJ não têm uma linha de pesquisa voltada para a escrita ficcional. No entanto, a PUC-Rio, desde 2010, oferece a habilitação de Formação de Escritor no curso de graduação em Letras, cujo objetivo é assim definido: “Este curso busca capacitar o aluno a dominar técnicas e estratégias de escrita, através de oficinas de produção textual: roteiros para cinema e televisão, dramaturgia, ficção, poesias, textos técnicos e para a Web” [53]. Assim como a Universidade abriu espaço para os alunos de graduação que querem escrever, serem escritores, é necessário também que a Universidade abra um espaço definitivo em seu programa de pós-graduação, como a PUC-RS possui: Escrita Criativa.

A área de Escrita Criativa, com ênfase interdisciplinar, tem uma linha de pesquisa específica: Leitura, Criação e Sistema Literário. [...] Seu foco volta-se à criação literária e seus fundamentos estéticos, à crítica genética, às relações entre literaturas e outras mídias, produção de roteiros teatrais e fílmicos e criação de textos não literários. [54]

3.9 - Referências Bibliográficas

- 1- LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- 2- Ibid.
- 3- LISBOA, Adriana. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- 4- _____. **Um beijo de colombina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- 5- ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- 6- BARTHES, Roland. **A preparação do romance II: a obra como vontade**. São Paulo: Martins Fonte, 2005.
- 7- LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa: experimentos com a herança familiar e literária**. 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007. p.161.
- 8- Ibid., p. 167.
- 9- Ibid., p. 176.
- 10- Ibid., p. 179.
- 11- FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 13.
- 12- LEVY, Tatiana Salem, op. cit., p. 201.
- 13- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- 14- KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 57.

- 15- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 55.
- 16- SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. **Revista Z Cultural**. Rio de Janeiro, ano V, n. 1. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/meditacao-sobre-o-oficio-de-criar-de-silviano-santiago-2/>>. Acesso em: 09 jun. 2018.
- 17- NOLL, João Gilberto. **Berkeley em Bellagio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- 18- CARVALHO, Bernardo. **Nove Noites**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- 19- LEVY, Tatiana Salem, op. cit., p. 167-168.
- 20- SILVA, Sueli Rio e. **Experimentos de autoficção**. 2013. 250 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2013. p. 6.
- 21- CLEVELARES, Gustavo Augusto de Abreu. **Como se fosse um romance**. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2015. p. 6.
- 22- SAWITZKI, Manoela Paula. **Pele: um modo de existência crossdresser**. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014. p. 5.
- 23- ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo: uma experiência de escrita**. 2014. 212 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. p. 7.
- 24- Ibid., p. 15.
- 25- Ibid., p. 19.
- 26- Id., **A cabeça do santo**, p. 30-31.
- 27- Ibid., p. 50.
- 28- Ibid., p. 52.
- 29- Ibid., p. 27.
- 30- Ibid., p. 29.
- 31- Id., **A cabeça do santo: uma experiência de escrita**, p. 7.
- 32- Ibid., p. 33.
- 33- Ibid., p. 34.
- 34- LISBOA, Adriana. **Um beijo de colombina**. 2002. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. p. 33.
- 35- Ibid., p. 9.
- 36- LISBOA, Adriana, **Um beijo de colombina**, 1. ed., p. 23.
- 37- Ibid., p. 18.
- 38- Ibid., p. 17.
- 39- Ibid., p. 195.
- 40- LISBOA, Adriana. **Rakushisha, a cabana dos caquis caídos: releitura de um diário de Matsuo Bashō**. 2007. 208 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 172.
- 41- Ibid., p. 14.
- 42- Ibid., p. 6.
- 43- CARNEVALI, Marcelo Fernandes. **O chimpanzé cobaia: um diálogo crítico com Raduan Nassar**. 2001. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. p. 2.
- 44- SENDER, Tamara. **Esperando Zilanda: a literatura com a fina sintonia com o banal**. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. p. 99.

- 45- LUNARDI, Adriana Brasília. **O sistema dos anjos:** memorabilia de uma família brasileira. 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. p. 10.
- 46- LEVY, Tatiana Salem, **A chave de casa:** experimentos com a herança familiar e literária, p. 161.
- 47- BOSI, Ecléa, op. cit., p. 13.
- 48- Ibid., p. 407.
- 49- LEVY, Tatiana Salem, **A chave de casa**, p. 37.
- 50- SAID, Edward. **Reflexões sobre exílio e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 51- RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas: Editora Unicamp, 2007. p. 40.
- 52- LISBOA, Adriana, op. cit., p. 146.
- 53- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Formação de Escritores.** Departamento de Letras, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.lettas.puc-rio.br/br/texto/29/formacao-de-esritores>>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- 54- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Programa de Pós-Graduação em Letras.** Escola de Humanidades, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/humanidades/programa-de-pos-graduacao-em-lettas/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.